

Waly Salomão: Algaravias do Pós-tudo

Judite Maria de Santana Silva¹ (UFPE)

Resumo:

A Modernidade é marcada por uma forma de pensar a cultura como sendo a dimensão do processo social dentro de uma perspectiva pluralista, cuja identidade se constrói na soma das diferenças. A despeito dessa complexidade da questão, arriscamos um ponto, uma figura que surge no cenário artístico-literário nos anos 60, bebe nos movimentos contraculturais dos anos 70 e aporta nos dias atuais como pérola cultivada, como gruta que resiste. Trata-se do escritor e poeta multimídia, o baiano de Jequié, Waly Dias Salomão. O poeta é uma garimpagem que nunca se basta: um surripador de souvenirs, um leitor voraz, um errante na eterna busca de unir a diversidade, um nômade que abraça todos os lugares, bebe em todas as fontes e delas extrai os nutrientes para o seu fazer literário e, assim constrói suas algaravias.

Palavras-chave: música, literatura, artes.

Introdução

A Pós-modernidade pode ser encarada como a inquietude do homem, o sujeito que se inscreve num contexto cultural da sociedade pós-industrial, como um conjunto de valores que norteiam a produção cultural subsequente. Entre estes, a multiplicidade, a fragmentação, a desreferencialização e a entropia-que, com a aceitação de todos os estilos e estéticas, pretende a inclusão de todas as culturas como mercados consumidores. Se há algo que – no circuito acadêmico – vingou nos últimos tempos, esse algo chama-se (ou intitula-se) estudos multiculturais ou simplesmente, estudos culturais. Inúmeros congressos acirram debates para discutirem a propriedade desse enfoque. A despeito da complexidade dessas questões, arriscamos um ponto, uma figura que surge no cenário-literário dos anos 60, bebe nos conturbados contraculturais anos 70 e aporta nos dias atuais como pérola cultivada, como gruta que resiste. Trata-se do poeta multimídia Waly Dias Salomão (ensaísta, letrista, músico, pintor, editor, produtor cultural, escritor e poeta) que mostrou a miscigenação da cultura brasileira e mundial e a articulação de elementos de diferentes viés numa relação interartes cuja produção, invenções e transformações geraram intecruzamentos antes insuspeitados. (COELHO, 2001. p. 49).

Waly cabe bem nesse contexto em que tudo vale, todos os discursos são válidos pelo seu caráter policultural e sua multiplicidade de vozes, sua hiperinformação. Waly é um escritor pós-modernista, pós-topicalista, pós-concretista; pós-tudo; sua poesia se distancia da esteira dos “ismos” para evocar a lógica multicultural. Uma amostragem de estilos onde tudo pode ser remexido e reordenado de todas as formas possíveis. A imagem dessas interfaces quer ajustar-se à forma de um novo produto estético sempre voltado para o presente e o futuro (“meta – promessa mantida: não voltar às vistas para trás”, ou “todo passado está morto;/ só vive o que vem, o que surge”. É de Waly a expressão: “criar é não se adequar a vida como ela é, nem tão pouco se grudar às lembranças pretéritas que não sobrenadam mais”). (SALOMÃO, 1998. p.21).

È no Pós-tudo da Literatura que se assentam os textos e o ambiente da poética walyana objetivando apagar as diferenças entre as múltiplas virtualidades nas artes brasileiras. A poesia de Waly no contexto do Pós-tudo da Literatura, fala a linguagem do homem de hoje. Livra-se do marginalismo artesanal, da elaborada linguagem discursiva e da alienação metafórica que transforma a leitura da poesia em nosso tempo, daí por que a tratamos como poética do Pós-tudo. Waly é poeta do

seu tempo, visual, visceral e questionador, capaz de se deslocar em permanência, nômade por distinção que ao mesmo tempo inebria e conquista. Transita de persona à personagem, reencontra os gestos anteriores e o comportamento futuro; torna-se esse passeante atento a tudo. Daí a sempre nova aquisição de uma “Tarifa de embarque”, o salvo conduto de que se utiliza para desembarcar em qualquer terra e de qualquer jeito, mesmo que seja fora da ordem. Dono de uma sensibilidade estética e um senso crítico aguçado, Waly não poderia seguir em seu tempo senão na contramão, diz Evando Nascimento. Waly recolhe as intelectualidades desgarradas cuja marginalidade é vivida e defendida por conceitos produzidos pela ordem institucional. (NASCIMENTO, In: Rev. Cult, 2001. p.11-13.).

Minha poesia vai na contramão, tento fazer com que minha cabeça, meu coração, minhas víceras não se comprimam numa visão dogmática; pretendo ser o homem dos múltiplos caminhos, heterodoxo. Eu amo o que não sou. (SALOMÃO, 2001. p. 41).

O artista baiano de Jequié transitou pelas diversas mídias; trabalhou com várias linguagens, como artes plásticas, poesia e música popular brasileira, além da arte eletrônica. Sua criação poética vai das letras de canções para a MPB às irreverentes poesias e prosa ao mesmo tempo que descreve os Babilaques como uma “performance-poético-visual”. Nele os diferentes signos interagem como processos produtivos nas relações intersemióticas. Senhor das línguas e das linguagens, Senhor dos códigos, valeu-lhe o título de “Qwalyssinos” por Antonio Risério ao abrir a 2ª edição de Armarinho de Miudezas (1993). Poeta treinado na Teoria Literária e de formação marxista pretende ser o homem dos múltiplos olhares.

A palavra “algaravias” também está relacionada ao comportamento desviante do poeta que não se prende a nenhuma corrente artístico-literária. Sem desprezar a tradição Waly transita entre valores canônicos e valores emergentes para “escutar” a plurivocidade contemporânea. A poesia de Waly resulta da mistura desses nutrientes: erudito, popular, pseudopopular, até do escraxado ao desbumdado, no qual se percebe em cada palavra, em cada verso essa desconcertantes e amiúde inexplicável comunhão entre o erudito e o popular que lhe entranha toda tessitura. Uma espécie de efeito de borda em que o resultado é o meio úmido no qual se confluem todos os elementos e por isso é mais rico. Waly mostra esse novo mosaico que a cultura local produz e transforma tudo num novo produto estético. Ambivalências de linguagens, algaravias de sentidos. É um processo híbrido que ocupa todos os espaços num equilíbrio cultural interdimensional.

David Arrigucci Jr, ao apresentar *Algaravias*, chega a afirmar que desde o começo, na década de 70, os versos de Waly – audaz navegante da Navilouca junto com Torquato, mas tendo por timão as invenções de Oiticica – já suscitavam questões assim. E agora se recolocam nesta “Câmara de Ecos” como vozes entremescladas, algaravias reiteradas, *delirium ambulatóruim* que persiste em recorrências. O primeiro mérito de Waly é trazer para o centro da lírica brasileira o descentramento de nossos dias e a situação problemática do poeta no mundo contemporâneo. Ao tentar exprimir a complexidade dessa experiência beirando alturas e o indizível, se subtrai no trocadilho dissonante ou na ironia que quebra o ritmo frente a impossibilidade. (ARRIGUCCI, In: *Algaravias*, 1997).

Hábil no intercruzamento das artes e seus significados, bem como, nos diversos gêneros da discursividade para mostrar sua crença na poesia como convergência das letras, das linguagens, das artes, em que o risco não é adotar esse ou aquele recurso formal, ou expressar esse ou aquele estado de espírito, mas justamente, combinar todos os vértices. Para Waly, a identidade cultural tem que ser uma espécie de rizoma, se avizinhar de outras artes e outras culturas, outros signos, de linguagens artísticas diferentes. A multiplicação desses significados permite e até solicitam múltiplas leituras. Os poemas também não permitem mais uma leitura unilateral, por que ocorre neles um estilhaço temático e uma mistura de vários tipos de discurso que desencorajam a leitura homogeneizadora (*Mallarmé, Apollinaire, Pessoa*, etc.). A aparição desse elenco temático não escolhe escolas nem talentos. (PERRONE-MOISÉS, 2005. p. 61-62).

Avesso a rótulos, rebelde e irreverente Waly não se enquadra no rol dos bem comportados, desafina o coro dos contentes e se reveste do Pós-tudo, nessa grande ambigüidade, nesse jogo inter-semiótico da cultura contemporânea. Sua poesia é inquieta e impulsionadora. Não se realiza nos modos convencionais. Não há chave de ouro que sustente seus versos. Nele se compõe um tecido de literatura e vida, em que os fios de uma e de outra são praticamente indiscerníveis, numa alusão do vivido e do lido, “transmuta as pedras de tropeço em pedras de toque”, eis a única alquimia desejada, cultivada com a pá da palavra, em som alto e muito bom - compondo as próprias Algaravias. Leyla Perrone-Moisés (In: Pescados Vivos, 2003) prefaciadora de sua última obra, Pescados Vivos, chega a afirmar que o que caía na rede de Waly era peixe.

Antonio Cícero ao prefaciар o **Me segura qu’eu vou dar um troço** (2003) afirma que a arte walyana consiste em tornar a matéria-prima dada por um primeiro esboço, que como todo dado, torna-se objeto da sua desconfiança, e submetê-la a um trabalho obsessivo de elaboração e polimento. Através de procedimentos de deslocamento, distorção, estranhamento, estilização etc., nos quais é capaz de empregar todos os recursos retóricos e paranomásticos que lhe convenha – “sinédoque, catacreses, metonímia, aliterações metáforas, oxímoros...” – como enumera em “Fábrica do poema” (SALOMÃO, 1996. p.35) –ele frequentemente obtém um resultado de uma artificiosidade brilhante, que talvez se possa qualificar de barroca.

A poesia de Waly se enquadra nos conceitos de arte contemporânea como afirma Adorno. Anti-social, desprezando normas e estruturação, invertendo valores, rejeitando modelos éticos, políticos e religiosos que possam determinar previamente sua forma. Sua poesia vira a costa para toda tentativa de inseri-la em parâmetros socialmente aceitáveis. E como diria Ferreira Gullar, o poeta hoje, não é mais um fingidor, nem o burilador Parnasiano, mas um sujeito que caminha no chão duro do asfalto. É o grito da pós-modernidade emergente. É a poesia fora da página do seu território, rompendo fronteiras, infringindo normas e preceitos estabelecidos como quiseram os modernistas de 22. E muito mais que isso. José Miguel Wisnik o considera um desparnasiano atroz, “Faz versos como quem talha” fixa de beleza que resistam a seu próprio vértice e às duras provas a que os submete seu espírito negador e generoso. (WISNIK, In: Lábia, 1998).

A escritura de Salomão, entretanto, não se restringe às atitudes vanguardistas ou populares, mas visita a Literatura Universal com absoluta propriedade, no processo de devoração propugnado pelos antropofágicos, sugando sempre o mel do melhor. E nessas convergências /divergências nos oferece um discurso plural; das diversas codificações não restritas à palavras. Tal conduta é coerente com a prática artística no séc. XX, caracterizada por um processo constante de hibridização e diluição de fronteiras através de procedimentos interartes. Num estilo enviesado narra memórias de episódios artísticos e poéticos e reflexões sobre Literatura e Arte. Para Waly, este é o legado verdadeiramente radical do **espírito novo** que as vanguardas latino-americanas transmitiram aos seus respectivos contextos nacionais.

Sempre voraz como se percebe no editorial de *Lábia*, atrás de novas camadas de leituras, de interpretações do mundo inconclusivas e inconcludentes, sua poesia se atropela constantemente pelos diferentes códigos e visões que se aglutinam a sua volta gerando diferentes perspectivas e múltiplas leituras pois não há interpretação finalista do mundo em Waly. Essa pluralidade de atuação, produção e ação fazem de Waly esse múltiplo, esse herói inconcluso, inacabado que não reconhece fronteiras nem seu discurso se esgota nos limites da obra literária.

O meu veículo não tem ponto final. Como se nada nunca bastasse. Assim é que me caracterizo como caracterizam os ônibus de trajetos circulares: terminais em aberto. (SALOMÃO, 1998. p. 87).

Waly é um poeta polifônico. Sua poesia lírica e agressiva, marginal e discursiva aponta, ao mesmo tempo, um grito, um confronto entre discursos sociais mais amplos, e é através desse confronto que o autor exprime as contradições de sua época. Esse sujeito heterodoxo, comple-

tamente paradoxal, em que muitas vezes o que aparenta ser simples torna-se complexo devido às várias implicações, afirma que seu fazer literário vai na contramão e por isso é preciso forçar a barra. É um discurso que perturba a ordem, e por isso é preciso forçar a barra.

É forçando a barra que Waly atravessa registros variados, vozes, teclas, os registros dados, surreal, beatnick (sic), pop, hippie, antropológico, concreto, tropicalista e Pós-tropicalista. Waly é o retrato do músico brasileiro que estuda os clássicos e toca jazz, tango, fado ou blues; seu instrumento e sensibilidade não conhecem limites. Como ele próprio afirma: “minha poesia é suficiente forte, ela abre caminhos de qualquer jeito, apesar de mim e de minhas insuficiências”. Ao tentar exprimir a complexidade dessa experiência beirando alturas e o indizível, se subtrai no trocadilho dissonante ou na ironia que quebra o ritmo frente a impossibilidade. (ARRIGUCCI, In: Algaravias 1997). Agora *Sailormoon* aporta ao lugar do simulacro, diz Arrigucci, o poeta feito máscara, persona em que o oco dobra e multiplica a voz do outro em timbre próprio e impróprio, espaço impreenchível em que escrever é vingar-se da perda.

Tento fazer com que minha cabeça, meu coração, minhas víceras não se comprimam numa visão dogmática; pretendo ser o homem dos múltiplos caminhos, heterodoxo. Eu amo o que não sou. (SALOMÃO, 2001. p. 41).

Segundo Antonio Risério em Waly não há lugar para o temor, a prudência, a reverência. O baianárabe é um farsante declarado e colorido num ambiente cultural infestado de beletistas seriosos e cinzentos. “Amo o original, o estranho; amo o que as turbas chamam loucura; amo todas as excentricidades e gestos de rebelião.” Ele poderia dizer, recitando seu querido *Huidobro*, o *Huidobro do no soy burgúes ni raza fatigada*. (MARINHEIRO, 1999. p. 128)

Inimigo número 1 do meio-termo, da mesmice gustativa, Waly é uma verdadeira montanha-russa de grossuras e finesses indo das baixarias de botequim à supremacia limpeza do construtivismo de *Maliévitch*. Sua figura é a hipérbole. *Provocateur, scandaleux*. Essa questão da aparente loucura para os bens comportados, na verdade é a força criativa que não se deixa ceder por limites criados por outros. “se não se rompe os limites nada de novo acontece”. Para Waly, alterar as ordens das coisas é fazer a releitura delas. O que fascina Waly é a diversidade, como diz *Montaigne*, o que encontramos nas coisas mais semelhantes é a diversidade, a variedade, que faz de Waly esse sujeito múltiplo.

Conclusão

Estudar, pois, a poesia de Waly, desde o **Me segura q’ eu vou dar um troço**, livro que acabou paradoxalmente sendo o clássico do desbunde, violentamente anti-convencional, o grande marco da estética e da Literatura Pós-tropicalista e do Movimento Contracultural, cujo texto desapareceu no período da ditadura militar, é observar como os discursos com especificidades e estilos distintos estão interligados pelo mesmo fio do sentido, tecido nas malhas da alusão e que se move nas dobras da linguagem, inclusive em diferentes códigos. Instaure-se o diálogo entre o conhecimento e a verdade, a sensibilidade e o entendimento, a razão e a paixão, a espontaneidade coloquial e o estranhamento pensado entre o lido e o vivido.

Referências Bibliográficas

- [1] COELHO, Teixeira. **Moderno, Pós-moderno**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- [2] GULLAR, Ferreira. **Sobre arte, Sobre poesia (uma luz do chão)**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.
- [3] HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/1970**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- [4] MARINHEIRO, Elizabeth. **O vaivém dos discursos, ou, de nobres plebeus**. Tempo Brasileiro 1999.
- [5] MENEZES, Philadelpho. **Poética e visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea**. São Paulo: Unicamp, 1991.
- [6] MIRANDA, Dilmar. **Carnavalização e Multidentidade Cultural: antropofagia e tropicalismo**. São Paulo: Tempo Social, 1997.
- [7] PERRONE-MOISES, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- [8] MONLAU, Pedro Felipe. **Diccionario Etimologico de la Lengua Castellana**. Espanha 1977.
- [9] MORIN, Edgard. **Não se conhece a canção: linguagem da cultura de massa, televisão e canção**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- [10] MOURALIS, Bernard. **As contraliteraturas**. Tradução de Antônio Filipe Rodrigues Marques e João David Pinto-Correia. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- [11] NASCIMENTO, Evandro. **Revista Cult**. n. 51, out. 2001. p.11-13.
- [12] PEREIRA, Carlos Alberto M; HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- [13] RISERIO, Antonio et al. **Anos 70: Trajetórias**. São Paulo: Huminuras, 2005.
- [14] SALOMÃO, Waly. **Me segura q'eu vou dar um troço**. 2. ed. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional/Aeroplano Editora, 2003.
- [15] SALOMÃO, Waly. **Gigolô de bibelôs**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- [16] SALOMÃO, Waly. **Armarinho de Miudezas**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- [17] SALOMÃO, Waly. **Algaravias-Câmara de Ecos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- [18] SALOMÃO, Waly. **Hélio Oiticica: qual é o parangolé?** 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- [19] SALOMÃO, Waly. **Lábia**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- [20] SALOMÃO, Waly. **Tarifa de Embarque**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- [21] SALOMÃO, Waly. **O mel do melhor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- [22] SALOMÃO, Waly. **Pescados vivos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- [23] SANTAELLA, Lúcia. **Convergência: poesia concreta e tropicalismo**. São Paulo: Nobel, 1986.
- [24] SOURIAU, Etienne. **A correspondência das artes: elementos de estética comparada**. São Paulo: Cultrix, 1983.

Autora

¹ **Judite SILVA, Doutoranda**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Programa de Pós-graduação em letras